

## A AUTOFORMAÇÃO DOCENTE ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS DIGITAIS

**LAIS RIBEIRO SOLER<sup>1</sup>**; **RENAN CARDOZO GOMES DA SILVA<sup>2</sup>**; **RENATA AIRES DE FREITAS<sup>3</sup>**; **ALESSANDRA LONDERO ALMEIDA<sup>4</sup>**; **MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – laisrsoler@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – renancarodozo@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – buenasaires@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – alessandra\_londero@hotmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas – maianeho@yahoo.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias, o compartilhamento e elaboração de materiais digitais se torna mais fácil e recorrente. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, cerca de 78,2% da população urbana brasileira possui *smartphones* e na área rural cerca de 55,8%, o que nos revela um acesso facilitado tanto aos conteúdos produzidos e disponibilizados na rede, quanto a produção dos mesmos.

Diante do crescimento e possibilidade de acesso aos recursos digitais, surge uma nova forma de cultura, a cibercultura, que considera novos espaços para a aquisição de saberes, levantamento de dúvidas e descoberta de espaços, ligados, diretamente, ao virtual. Esse conceito, segundo Pierre Lévy (2000, p. 257), é definido como uma nova cultura que deriva das relações entre sociedade e as novas tecnologias, esta cultura forma uma sociedade sem fronteiras que difundem suas relações através das comunidades interativas. Esta nova forma de produzir cultura e registrar os acontecimentos provoca constantes mudanças na nossa percepção e entendimento do mundo, forçando um processo de adaptação e reconstrução constantes.

No âmbito da educação, essa nova cultura está presente não só no cotidiano dos alunos, uma vez que são oriundos de uma geração ligada a artefatos digitais, mas também no dia a dia dos professores que, para além de viverem esse contexto, utilizam o mundo digital para explorar materiais que colaborem com a sua autoformação docente. Isso por que, para além do processo de formação que ocorre, coletivamente, no âmbito escolas, de acordo com Cunha (1988) “o conhecimento do professor é construído no seu próprio cotidiano, [...] ele provém, também, de outros âmbitos”.

Com base nessa breve contextualização, a problemática que o estudo apresenta se concentra em como a produção de narrativas digitais podem contribuir para a autoformação docente. Considerando esta problemática, o presente trabalho objetiva discorrer sobre o processo de autoformação docente de profissionais atuantes na Educação Infantil, considerando o compartilhamento de narrativas digitais sobre as experiências vivenciadas em sua prática docente cotidiana.

Para tanto, subjuguem os pressupostos de Cunha (1988), que discute a autoformação enquanto um processo contínuo que advém não só de conhecimentos oriundos da escola; Levy (2000), que trata das novas culturas e saberes oriundo da Era Digital e Almeida e Rodrigues (2017) que abordam os recursos que a produção de narrativas digitais envolvem.

## 2. METODOLOGIA

As narrativas digitais foram produzidas como requisito parcial de avaliação da disciplina Pedagogia da Infância, ofertada no primeiro semestre do Curso de Especialização em Educação - concentração em Educação Infantil. As produções contêm fotos e/ou vídeos registrados pelos alunos ou selecionados de seu acervo pessoal, ademais, para a elaboração, foi ofertada uma oficina que abordava, de maneira ampla, como os vídeos poderiam ser feitos e quais aplicativos e softwares poderiam ser utilizados para a criação. Após a finalização e entrega das produções, foi sugerido que os alunos apresentassem tais discussões em um evento que teria como foco principal discutir sobre a(s) Pedagogia(s) da Infância a partir das abordagens trazidas nos vídeos.

O evento em questão foi o “I Ciclo de Debates: o desenvolvimento profissional docente e o lugar da infância”, organizado como uma ação do Projeto de Extensão “Vida de Professor: experiências de autoformação e redes de desenvolvimento humano” e desenvolvido pelo Laboratório de Formação e Estudos da Infância (LabForma/UFPel/CNPq), contando, também, com a participação de docentes e discentes da Especialização em Educação - concentração em Educação Infantil, vinculada a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Com base nas discussões que ocorreram durante o evento, nossa metodologia, em caráter qualitativo, realizada no âmbito do grupo de pesquisa Labforma, se ancora nos pressupostos de uma investigação exploratória que, conforme Gil (1999), busca proporcionar familiaridade com um tema pouco explorado no âmbito acadêmico, “tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses mais pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1999, p. 43).

Para a realização da pesquisa, ainda em fase inicial, foram aplicados questionários para a turma de Especialização que produziu as narrativas digitais para que pudéssemos analisar e refletir sobre as suas percepções do processo de autoformação e como os vídeos contribuíram, ou não, para este processo de desenvolvimento pessoal e profissional.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fio condutor do “I Ciclo de Debates” foram as narrativas digitais elaboradas pelos alunos do curso de especialização anteriormente citado. Tais narrativas versavam sobre as percepções dos estudantes a respeito das experiências vivenciadas em sua prática em sala de aula e/ou em seu processo de formação, relacionando às diferentes abordagens teóricas que embasam a(s) Pedagogia(s) da Infância. Conforme Bruner apud Almeida e Valente (2014, p. 38), esse exercício, o de narrar, “[...] está relacionado com a organização da experiência para interpretar melhor o que passou, ajudando a promover uma nova forma de contar”.

Os trabalhos produzidos são considerados narrativas digitais pelos elementos agregados à forma de narrar que associam, juntamente com a oralidade e a escrita, “[...] imagens, sons, links, animações e uma gama de outros recursos que passam a compor a escrita narrativa alterando a sua estrutura” (ALMEIDA; RODRIGUES, 2017, p. 108). Com base nessas possibilidades, vemos que esse formato de narrativa possui uma larga potencialidade recursal que contribui na ampliação de possibilidades para ressignificar as experiências relatadas e vivenciadas.

Com o auxílio de ferramentas tecnológicas e dispositivos móveis, os alunos foram capazes de captar, por meio de vídeos e fotos, suas percepções sobre as experiências que, por eles, foram vistas como relevantes para expor, problematizar e debater. As construções das narrativas, assim como o processo de elaboração de um roteiro para gravação e montagem pode ser visto, conforme Almeida e Valente (2014, p. 39) como uma forma de “[...] responder às questões de investigação, atribuir significado às experiências vividas, estabelecer nexos entre passado, presente e futuro”.

Dentre das temáticas abordadas, um dos elementos mais presentes foi a aula-passeio, metodologia apresentada por Celéstin Freinet, que procura proporcionar momentos que despertem novos interesses nos estudantes através de novas vivências, descobertas e sensações (FREINET, 1973). Dentre as narrativas digitais elaboradas, um dos grupos, por exemplo, a partir dessa metodologia, tratou das experiências em uma escola de idiomas que se destina a ensinar inglês para crianças de uma maneira contextualizada e prazerosa, já outros grupos trataram das experiências vividas em uma viagem ao Uruguai para visitar a primeira escola pública sustentável da América Latina, *Escuela Sustentable 294*, Jaureguiberry.

#### 4. CONCLUSÕES

A proposta realizada aos discentes de construiram narrativas digitais sobre as suas experiências docentes e/ou sobre a visita à *Escuela Sustentable 294*, oportunizou, para além de produzir um material digital, discutir sua perspectiva sobre as diversas faces da educação infantil. Seu processo de construção promoveu, ainda, a ressignificação sobre estas experiências, contribuindo, assim, para sua autoformação docente.

Este processo será averiguado, ao longo da presente pesquisa, de forma consistente e oportunizará reflexões sobre a opinião dos alunos frente ao processo, uma vez que os questionários que estão em fase de análise.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B. de; VALENTE, J. A. Narrativas digitais e o estudo de contextos de aprendizagem. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 1, n. 1. 2014. Disponível em <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/10>>. Acesso em 02/09/2019.

ALMEIDA, M. E. B. de.; RODRIGUES, A. Narrativas digitais na formação de professores: uma revisão sistemática de literatura. **Cadernos de Educação**, n. 56, p. 107-130, 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/7945/7519>>. Acesso em: 29 agost. 2019.

ARAÚJO, M. da S.; MORAIS, J. de F. dos S.; PRADO, G. V. T. Processos de (auto) formação docente no cotidiano da escola: horizontes de possibilidades. **RPD – Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.11, n. 24, p. 53-67 , jul/dez. 2011. Disponível em <<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/506>>. Acesso em: 29 agost. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOSS, A. S. Da Autoformação à Formação Humana: reflexos no ensino e aprendizagem. In. TOMMASIELLO, M. G. C. **Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2012.